

ACONTECIMENTO, CELEBRIDADE E CARISMA: UMA ANÁLISE DA IMAGEM PÚBLICA DO PAPA FRANCISCO¹

*ACONTECIMIENTO, CELEBRIDAD Y CARISMA:
UN ANÁLISIS DE LA IMAGEN PÚBLICA DEL PAPA
FRANCISCO*

*EVENT, CELEBRITY AND CHARISMA:
AN ANALYSIS OF POPE FRANCIS' PUBLIC IMAGE*

Recebido em: 18 mar. 2015

Aceito em: 13 maio. 2015

¹ Agradecemos o apoio concedido pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e pela PRPq/UFMG (Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais) ao desenvolvimento de nossas pesquisas.

Paula Guimarães Simões: Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte-MG, Brasil). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS).
Contato: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

Juliana da Silva Ferreira: Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte-MG, Brasil). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista da FAPEMIG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS).
Contato: juckel@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a construção da imagem pública do papa Francisco, empreendida pelo programa Fantástico, da Rede Globo. Entendemos que Jorge Mario Bergoglio despontou na cena pública a partir de um acontecimento – sua eleição como o novo papa, após a renúncia de Bento XVI. A partir das atitudes tomadas por ele, bem como das relações que estabeleceu com a sociedade, o novo papa se afirmou, ele mesmo, como um acontecimento. Nesse sentido, o texto analisa a dupla dimensão acontecimental de Francisco: o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico. A análise revela o carisma que caracteriza essa celebridade, que encarna o sentimento de mudança em uma figura bondosa, humilde, que luta pelos pobres e pelas minorias.

PALAVRAS-CHAVES: Acontecimento; Carisma; Performance; Imagem pública; Celebridade

RESUMEN

El objetivo del artículo es analizar la construcción de la imagen pública del Papa Francisco emprendida por el programa televisivo Fantástico, de la Red Globo. Comprendemos que Jorge Mario Bergoglio surgió en la escena pública cuando fue electo como el nuevo papa, después de la renuncia del Bento XVI. Desde sus actitudes, como la relación que se estableció con la sociedad, él se puso como un acontecimiento para el mundo. Por consiguiente, el texto habla de la doble dimensión del hecho de Francisco: su poder de afección y también su poder de hermenéutica. El análisis evidencia su carisma, que le caracteriza como una celebridad, que incorpora el sentimiento de cambio en la imagen amable, humilde, que lucha por los pobres y pela minoridad.

PALABRAS-CHAVES: Acontecimiento; Carisma; Performance; Imagen pública; Celebridad

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the constitution of Pope Francis' public image built by the television program Fantástico (Rede Globo). We assume that Jorge Mario Bergoglio has emerged in the public scenario from an event – his election as the new pope, after the resignation of Pope Benedict XVI. Since the actions taken by Francis, as well as the relations he has established with society, the new pope was stated himself as an event. In this sense, the paper discusses the double dimension of Francisco as an event: his power to affect the society and his hermeneutic power. The analysis shows the charisma that characterizes this celebrity, which personifies the feel of change in a kind and humble figure, that fight for the poor and minorities.

KEYWORDS: Event; Charisma; Performance; Public image; Celebrity.

INTRODUÇÃO

A renúncia do papa Bento XVI, no início de 2013, se revelou um acontecimento inédito na era contemporânea: o pontífice abandonou seu cargo em vida, deixando vaga a cadeira do sucessor de São Pedro. O fato pegou os fiéis de surpresa e exigiu uma cobertura midiática diferenciada. Não era função do jornalismo somente noticiar a demissão do Bispo de Roma, mas também anunciar e apresentar ao público o líder do novo papado.

Passados dois anos da posse do argentino Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco, é perceptível uma forma característica de sua apresentação nos diversos veículos de comunicação. Primeiro pontífice nascido no continente latino-americano e de formação jesuíta, ele chamou atenção da sociedade e, conseqüentemente, das lentes que fazem os telejornais.

Em menos de um ano no posto, ele atraiu mais de 6,6 milhões de fiéis ao Vaticano. Dados divulgados pelo país mostraram que, de março de 2013 até o final daquele ano, o público de eventos com a presença do argentino foi quase três vezes o número de presentes em cerimônias presididas por Bento XVI em 2012. Em sua visita ao Rio de Janeiro, Francisco reuniu três milhões e meio de pessoas na Jornada Mundial da Juventude. Desde João Paulo II, não havia tanta comoção em torno do chefe da Igreja Católica. Uma pesquisa divulgada pelo Pew Research², em março de 2014, mostrou que 85% dos católicos dos Estados Unidos veem o argentino de forma favorável. Apenas 4% confessaram alguma opinião negativa sobre ele, considerado uma mudança boa para 68% dos fiéis entrevistados. Até mesmo os não católicos o enxergam com bons olhos: 51% deles pensam o mesmo. O levantamento revelou que o papa não aumentou consideravelmente a quantidade de fiéis norte-americanos, mas 40% disseram estar rezando mais, e 26% se declararam mais animados com a fé.

A imagem célebre de Bergoglio merece atenção por fazer parte de uma transformação social e cultural. Coube, neste artigo, analisar como sua figura foi e ainda é introduzida no imaginário das pessoas: o papa é bom, é político, é caridoso, é revolucionário? Quem é o papa apresentado aos brasileiros? A aproximação com o universo em torno do trono do herdeiro de Pedro é, muitas vezes, justificada no discurso jornalístico por certo senso comum de que ele é carismático. Mas o que isso significa? A sua performance - ancorada em um discurso inovador, mas que não necessariamente resulta em mudanças concretas na Igreja - parece ser a chave para a nova forma de apresentação da imagem do catolicismo em certa cobertura jornalística.

Para desenvolver a análise, o corpus é composto por matérias veiculadas no *Fantástico*, programa dominical da Rede Globo, desde o conclave, em março de 2013, até junho de 2014, momento em que a coleta desta pesquisa foi feita. Entendemos que esse programa televisivo, apesar de não trazer toda a complexidade da imagem de Francisco - como qualquer outro produto midiático - nos traz uma leitura possível acerca dessa mesma imagem e algumas de suas nuances. A partir da figura pública peculiar de Francisco, vimos emergir no programa um olhar diferente sobre a religião cristã, que perdia adeptos, mas parece ter ganhado força e entusiasmo após a posse do jesuíta.

² Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/03/07/interna_int,505401/papa-francisco-confessa-ter-roubado-um-rosario-durante-velorio.shtml>. Acesso em: 6 de julho de 2014

CARISMA E PERFORMANCE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA: O VIÉS DO ACONTECIMENTO

Enxergamos três importantes eixos para a conformação de uma imagem pública: a mídia, o público e o próprio personagem. Aspectos deste são imprescindíveis para a interpretação feita pelos dois primeiros agentes. Dois conceitos, carisma e performance, são de fundamental relevância para refletir sobre a configuração de algumas personalidades – e serão discutidos a seguir.

O conceito de carisma foi discutido por Max Weber (1979), para quem o atributo é um dos três tipos “puros de dominação legítima”, uma autoridade baseada na heroicidade e exemplaridade. Na submissão carismática, a legitimação se dá pela devoção afetiva ao líder e seus dotes sobrenaturais, como revelações, heroísmo, intelecto ou oratória. Ou seja, o carisma é um conjunto de “dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos” (WEBER, 1982: 171). Essas características excepcionais são responsáveis por desembocar em uma obediência a determinada figura e, não, à sua posição legal ou tradicional. A ideia weberiana pressupõe uma relação com os seguidores e está ligada à percepção: o carisma só existe quando atribuído por terceiros, não consistindo em auto reconhecimento. Para Weber, “o líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força de vida” (WEBER, 1982: 174).

Retomando a clássica definição de Weber, Geertz (1997) traz à tona a importância do contexto social para a construção do carisma, afirmando que este não se trata apenas de um fenômeno psicológico do líder. O carismático é aquele dotado de um valor simbólico que atua no centro ativo da sociedade, que dá forma ao mundo social, tais como tomadas de decisões e debates. Assim, para além das qualidades individuais, o carisma é um sinal de envolvimento com os centros enquanto fenômenos culturais e, portanto, moldados historicamente.

Tal conceito está intimamente aliado à *performance*, já que é a partir do desempenho de um líder que suas ações e seus posicionamentos são destacados tanto por seus seguidores quanto por narrativas que procuram construir uma imagem para o mesmo – entre elas, as midiáticas. Entendemos que os sujeitos estão, constantemente, desempenhando papéis na vida social, tal como discutido por Goffman (2013). É justamente nesse jogo de desempenhos em diferentes interações que a imagem pública de um sujeito se constitui.

Partindo da perspectiva de Goffman, Silverstone (2002) aponta que o mundo vive da aparência e que os atores sociais mudam e controlam suas atitudes segundo a reação que recebem do outro. O que orienta alguém a incorporar um papel, então, é a idealização de um desempenho. A performance é justamente a adequação a papéis nas várias instâncias da sociedade, uma encenação que acontece a todo momento, em qualquer interação. Ela é corriqueira, segundo Zumthor (2007), já que as interações proporcionam o ordinário, a normalidade, a sustentação de uma identidade de todos. A abordagem propõe um foco no performático, em que a vida social é uma administração da impressão a todo o tempo, não havendo verdadeiro ou falso. São representações que estão na ordem

da comunicação e que implicam idealização. No mundo em que vivemos, essa troca é mediada pelos meios de comunicação, que captam os papéis assumidos pelos célebres.

Podemos compreender a emergência do papa Francisco como uma *celebridade*³ na cena pública a partir da performance construída por ele, a qual revela continuamente o carisma que marca a sua imagem – como procuraremos destacar na análise. Todo esse processo pode ser compreendido a partir da noção de acontecimento, de Louis Quéré (2005). Na perspectiva do autor, um acontecimento é uma ocorrência que irrompe na continuidade da experiência e afeta a vida dos sujeitos: ele pode provocar alegria ou tristeza, espanto ou admiração, mas, de qualquer forma, toca e sensibiliza os sujeitos, convocando-os a se posicionar em relação ao ocorrido. Ao se inserir na vida social dessa maneira, o acontecimento tem, ainda, um poder de revelação do mundo, apontando questões configuradoras de um contexto – é o poder hermenêutico do acontecimento (QUÉRÉ, 2005).

Partindo dessa compreensão do acontecimento, Lana e Simões (2012) propõem dois estatutos para refletir sobre as personalidades públicas: aquelas que se constituem *como* acontecimento e as que se constroem *a partir do* acontecimento (LANA; SIMÕES, 2012). Interessa-nos, aqui, a primeira perspectiva – a que pensa sobre as celebridades *como* acontecimento.⁴ Pensar uma figura pública dessa maneira significa refletir sobre a ruptura instaurada por ela, configurando um *antes* e um *depois* dessa celebridade; significa pensar, ainda, no modo como ela afeta a vida das pessoas, bem como o que a sua emergência como acontecimento pode revelar do contexto em que se inscreve (SIMÕES, 2012).

Reconhecemos os poderes do papa a partir da imagem pública construída em torno dele, a partir de elementos enunciativos linguísticos, como explica Gomes (2004). Concepção caracterizadora coletiva referente ao caráter e à personalidade de alguém, a imagem pública é mediada a todo instante e não é definitiva, pois é permanentemente construída, destruída e reconstruída. Na mesma vertente, Maria Helena Weber (2004) vê a imagem pública como uma construção entre o sujeito e o espectador, essencial para visibilidade e reconhecimento, feita na esfera da “política estetizada”, em que o indivíduo se apresenta e negocia a imagem que deseja passar com a percebida pelo público.

É nesse sentido que procedemos à análise da imagem pública do papa Francisco. O argentino pode ser compreendido *como* um acontecimento na medida em que sua aparição na cena pública instaurou uma descontinuidade na experiência de católicos e não católicos, afetando e configurando públicos em sua volta. Ao encarnar valores compartilhados socialmente, o pontífice não apenas atua na consolidação da própria imagem pública como também descortina valores de referência para a sociedade contemporânea. Antes disso, retomamos uma breve história da Igreja Católica, situando o Papa Francisco e alguns dos pontífices que o antecederam.

A IGREJA CATÓLICA E O LUGAR DOS PAPAS

São 2014 anos de história que permeiam a vida de centenas de gerações ocidentais. Depois que seu mártir, Jesus Cristo, morreu na cruz condenado pelo Império Romano, o cristianismo ganhou força no mundo e se edificou

³ A celebridade é entendida, aqui, como uma personalidade que desponta no cenário de visibilidade em virtude do desempenho louvável em certa atividade ou do protagonismo em um acontecimento, por exemplo. Para discussões em torno desse conceito, bem como sua relação com outros correlatos (heróis, ídolos, figuras públicas), cf. FRANÇA *et al.*, 2014.

⁴ Para um desenvolvimento mais aprofundado dessa perspectiva, ver o trabalho de Simões (2012) que toma como objeto de análise o jogador de futebol Ronaldo Fenômeno.

⁵ Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/imprensa/internacional/11978-apresentado-ao-papa-o-anuario-pontificio-2013-a-igreja-cresce-no-mundo-sobretudo-na-africa-e-asia>>. Acesso em: 6 de julho de 2014.

como uma das principais religiões monoteístas ao lado do judaísmo e do islamismo. Desde então, a Igreja Católica vem construindo a sua história, angariando fiéis por todo o globo.

O papa é símbolo da unidade dessa instituição que, apesar da perda anual de fiéis, ainda é escolha de muitos adeptos da doutrina cristã. Segundo o Anuário Pontifício 2013⁵, uma espécie de censo da igreja, os católicos somam 1 bilhão e 214 milhões de pessoas no mundo, ou seja, 17,5% da população global. O total de fiéis batizados distribuído por continente revela que a América é o atual principal reduto deles, com 48,8% do total de membros. Europa vem em segundo lugar, com 23,5%, seguido de Ásia e África, com 10,9% e 16%, respectivamente. Por fim, a Oceania reúne apenas 0,8% deles. Somente no Brasil, há 123 milhões de católicos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados revelam porque os olhos do mundo estão voltados para Francisco e estiveram também para outros pontífices.

Não importa o lugar ou o porquê. Onde um papa estiver, haverá câmeras apontadas para seus gestos, atitudes e falas, como aponta Maria Cristina Angelini (2013). “Não importa se beijando o chão, como fazia João Paulo II, ou subindo o avião carregando a própria maleta, como faz Francisco. É o gesto primário de cada um deles que mais excita os profissionais da imagem” (ANGELINI, 2013: 1). Os sumos pontífices fazem parte do grupo de líderes políticos que descobriram a importância da mídia na divulgação de ideias e no contato com sua audiência, o que foi mais intenso no século XX. Período em que tivemos papas dignos de serem nomeados de acontecimento.

Segundo o histórico compilado por Angelini, antes disso, a igreja já havia percebido a relevância dos meios de comunicação, no início, encarada como uma ameaça do controle eclesiástico. O papa Leão XIII, ocupante do trono de 1878 a 1903, começou uma relação mais estreita com a imprensa. Em fevereiro de 1879, foi o primeiro a conceder uma entrevista coletiva a jornalistas. Também levantou a discussão sobre se fazer presente no cenário social, o que incluiu a mídia. Em seguida, Pio XI (1922-1939) percebeu no rádio um grande aliado e inaugurou a estação do Vaticano.

João Paulo II, por sua vez, é considerado por muitos o pontífice mais midiático da história. Também chamado de Papa João de Deus, ou o Papa Pop, o polonês Karol Wojtyła teve os momentos mais importantes de seu mandato frente às lentes das câmeras: a eleição no conclave, suas viagens, o atentado que sofreu e o posterior perdão ao agressor. O envelhecimento, sua fraqueza e morte foram acompanhados à exaustão. O papa gostava da mídia, defende Angelini (2013), que também vê nela um fascínio por ele. João Paulo II teve a quinta maior audiência de televisão de todos os tempos ao rezar um terço, em junho de 1987, em comemoração ao ano Mariano. Mais de um bilhão de telespectadores no mundo assistiram à cerimônia presidida pelo homem considerado forte, simpático e acessível.

O sucessor do papa pop, Bento XVI, colocou o Vaticano na rede social Twitter. Mas sua relação com a mídia não foi como a do anterior. Bento era contido e não apreciava espontaneidade. Seguiu alguns gestos de João Paulo II, com acenos para multidão, beijos em crianças e abraços em fiéis, mas seu trunfo foi utilizar o lado culto e intelectual para demonstrar o conhecimento que possuía da igreja (ANGELINI, 2013). A sua renúncia

repentina captou a atenção dos holofotes, que cobriam incessantemente os desvios da Cúria Romana, os casos crescentes de escândalos sexuais e a corrupção no banco do Vaticano.

No novo capítulo dessa história, surgiu Francisco, que reassumiu uma postura comparada à de João Paulo II em relação à sociedade, conduta analisada a seguir.

O PAPA ACONTECIMENTO

“Eu sou um grande pescador; confiante na misericórdia e na paciência de Deus, no sofrimento, eu aceito”⁶. Essas foram as primeiras palavras do cardeal Jorge Bergoglio ao saber de sua eleição como sucessor do papa Bento XVI. Foram dois dias de conclave na Capela Sistina para que a fumaça branca anunciasse: *Habemus Papam!* Um acontecimento que ganhou traços peculiares à medida que Francisco se apresentava ao mundo. A figura apagada de Bento deu lugar à do argentino, cada vez mais parte de transmissões à distância, ao vivo e multiplicadas. A primeira aparição, suas declarações na Praça de São Pedro ou seu dia a dia no Vaticano. Tudo foi filmado e replicado nas telas de televisão – dentre outros, pelo *Fantástico*. Nesta análise, que contempla os 25 vídeos exibidos pelo programa da Rede Globo de março de 2013 a junho de 2014, percebemos como sua imagem pública foi construída a partir de sua performance.

O principal objetivo dos discursos midiáticos, a princípio, era revelar o novo papa aos brasileiros. A biografia de Francisco é utilizada para situá-lo como uma figura sustentadora da contemporaneidade⁷. Apesar de ainda ser um personagem desconhecido e imprevisível, até mesmo para a mídia, no início de sua aparição nos holofotes, já é possível perceber uma tendência em focar em seus atributos “mágicos”, o que ajuda a configurar o seu *carisma* (WEBER, 1979).

A trajetória de Bergoglio é usada para revelar esses traços de sua personalidade: a criação no bairro de Flores, em Buenos Aires, a relação com a igreja local, a luta pelos pobres e a briga com a presidente da Argentina em favor dos mais necessitados. Um repórter vai até a irmã dele, ainda moradora da cidade. Maria Helena Bergoglio traz a primeira virtude do papa: alegria. Em seguida, é descrito como humilde, pois recusou privilégios, como carro e motorista, optando por uma vida simples, pegando metrô e ônibus para visitar a periferia de Buenos Aires, onde celebrava missas e beijava os pés dos fiéis. As atitudes revelam outra boa característica: aproximou a igreja dos pobres e desenvolveu atividades caridosas. A narrativa leva a uma construção de sentido em que um repórter se sente à vontade para dizer: “Bergoglio é adorado nas vilas de Buenos Aires”. Próximos do pontífice dizem que ele é simples, inteligente e tipicamente argentino. Apesar de líder máximo da Igreja Católica, os amigos garantem que gosta de coisas mundanas, como futebol, tango e mate, o que revela seu lado humano. Francisco é apresentado como um “papa da periferia”, alguém que tem humildade para dar uma “resposta para o futuro”.

Bergoglio é também surpreendente a cada pronunciamento, como na quebra de protocolos. Sempre deixa os seguranças “aturdidos” ao fazer questão de tocar e abençoar os fiéis, o que é interpretado pelos meios de comunicação como atitudes de um revolucionário da igreja. A relação com

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/vaticano-revela-as-primeiras-palavras-do-papa-francisco.html>>. Acesso em: 6 de julho de 2014.

⁷ *Fantástico*, 17 de março de 2013.

⁸ *Idem.*

São Francisco de Assis, santo italiano que inspirou seu nome, também é explorada. O repórter Marcos Uchoa vai até Assis⁸, a 200 quilômetros de Roma, e mostra o conjunto das construções que leva os espectadores a uma viagem à Idade Média. Na basílica batizada em homenagem ao santo, há uma sala com suas relíquias, vestes simples, feitas de retalhos e costuradas. Afrescos ajudam a contar a história daquele homem, nascido em 1182 em uma família rica, sustentada pelo comércio de tecidos. Trabalhou para o pai e, como os tecidos vinham da França, começou a ser chamado de Francesco, que significa “pequeno francês”. O jornalista vai até a Igrejinha de São Damiano, onde o italiano diz ter ouvido o chamado divino para que reformasse a igreja e trabalhou com os pobres. Uchoa afirma que São Francisco causou uma revolução à época ao pregar perdão, respeito pela natureza, cuidado com os necessitados e simplicidade, o que “tem tudo a ver como o novo papa”.

⁹ *Fantástico*, 17 de março de 2013.

O *Fantástico* também apresentou frases do pontífice⁹ acerca de temas polêmicos, como aborto, morte, casamento, corrupção, Vaticano e pedofilia. As opiniões diferentes de Francisco apontam para um caminho novo na Igreja Católica, já que vemos posições contundentes e em um tom de reforma. A corrupção, por exemplo, não será mais “tolerada”. No entanto, há a permanência de posturas conservadoras, como a defesa incondicional da proibição do aborto.

¹⁰ *Fantástico*, 31 de março de 2013.

O dominical introduz o papa em um tom otimista para uma instituição em decadência. Alguém que não só traz mensagens de paz¹⁰, mas tenta atuar em conflitos diplomáticos, como a crise entre as duas Coreias ou as batalhas sem fim no Oriente Médio. As cenas de Francisco sendo aclamado por uma multidão na Praça de São Pedro revelam que ele assumiu a condição de *celebridade*. Definidos por Rojek (2008) como consequência da queda dos deuses e da ascensão de sociedades seculares e democráticas, os célebres são vistos como uma busca por consolo, sabedoria e felicidade. O pesquisador faz, também, uma relação dos atos de adoração das figuras públicas com ritos religiosos, especialmente os cristãos. Como na contemporaneidade, na visão do autor, o sagrado se transfere para a mídia, onde o famoso se torna objeto de culto, os poderes de cura e previsão continuam existindo. Assim como os relicários e o efeito São Tomé, em que é preciso ver para crer. O curioso do caso em questão é que a celebridade emerge de um meio religioso decadente e se torna um ponto de conforto e inspiração.

¹¹ *Fantástico*, 17 de março de 2013.

O pano de fundo da emergência do papa na cena pública também é relevante na construção de sua imagem pública e permite apreender os públicos que foram configurados a partir da afetação provocada pelo acontecimento. O *Fantástico* exibiu, por exemplo, o cantor Fagner¹¹ interpretando a oração de São Francisco em alvoroço com a boa nova. Em outro clipe¹², padre Fábio de Melo canta uma música de boas vindas ao Bispo de Roma, esperado em julho daquele ano no Rio para a Jornada Mundial da Juventude: “Sua presença nos motiva com amor e com paixão. Fazer discípulos em todas as nações. Pode chegar, a casa é sua, venha sempre. Na mesa posta, preparamos seu lugar”.

¹² *Idem.*

¹³ *Fantástico*, 12 de maio de 2013.

Aliás, eram grandes as expectativas de sua primeira viagem oficial, curiosamente ao Brasil. Assim, o programa conversou com jovens que sonhavam em serem escolhidos para se confessar com o papa¹³. É o contexto da posse do novo papa revelando modificações dos dogmas do catolicismo

ao longo do tempo. Um personagem curioso ilustra esse cenário.¹⁴ O *Fantástico* mostrou a saga de Fábio, que saiu de Trairi, no Ceará, e já estava havia três meses caminhando rumo ao Rio de Janeiro. Com uma cruz no pescoço e um terço na mão, ele diz que os três mil quilômetros não são nada perto da “explosão de felicidade” caso consiga tocar ou falar com o pontífice: “Minha mulher preferiu que eu estivesse feliz realizando isso do que eu ficar em casa infeliz”. A declaração do peregrino revela a “complexa” relação entre anônimos e ídolos, como destaca Coelho (1999). O personagem da matéria tem no papa um modelo a ser copiado e, como defende a pesquisadora, a proximidade é uma estratégia para chegar ao mesmo patamar de estrelato. Para Coelho, os fãs querem encarnar os valores levantados pelos famosos e viver daquela forma, já que veem neles importantes âncoras sociais nos dias contemporâneos.

As matérias mostram justamente essa vontade de seguir os passos do argentino, um guia de conduta aos fieis. Em um vídeo sobre os treinos dos jovens que planejavam o maior *flash mob* do mundo¹⁵ para a Jornada Mundial da Juventude, é clara a euforia à espera de sua visita ao país, sendo primordial recebê-lo bem. Recepção novamente abordada na Comunidade de Varginha, no Complexo de favelas de Manguinhos, no Rio, onde o papa visitaria uma família¹⁶. O repórter mostra como o Brasil está, assim como aquelas casas, de portas abertas para o novo pontífice. Aliás, não só a ele, mas a todos os turistas que viriam prestigiá-lo. Outra matéria conta que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, confirmou o encontro de Francisco com 23 mil argentinos no Terreirão do Samba, perto do Sambódromo. A notícia é dada a uma parte deste grupo, que vibra com a notícia¹⁷. O texto diz ainda que desembarques de jovens de todos os lugares do mundo não param. Eram os católicos invadindo a Cidade Maravilhosa, inclusive com demonstrações públicas de fé, como uma procissão na orla. Uma população católica que se sente mais à vontade para declarar sua crença e defendê-la perante os olhos do mundo.

Uma fé que se apresenta renovada e com um papa inovador. Ao fundo da imagem pública que se contornava, o catolicismo dá sinais de mudanças substanciais em relação a temas em geral polêmicos e encobertos pela instituição. O assunto é debatido no ensaio do *flash mob*, onde os jovens falaram sobre os desafios atuais da Igreja¹⁸. Um dos entrevistados avisa: a Igreja é para todos e está aberta. As diversas fontes ouvidas afirmam que, com tolerância e respeito às diferenças, a instituição está preparada para a modernidade. Uma delas alega que o catolicismo quer união entre povos, raças e línguas. A transformação não é em sua essência, segundo eles, mas uma adaptação aos tempos. Sobre o papa, a reação é melhor ainda, já que ele está conectado ao mundo virtual e tem até uma conta no Twitter. Sobre sexo, aborto e homossexuais, a resposta que emerge a partir dessas falas é clara: todas as pessoas têm espaço na Igreja.

O discurso é alinhado ao do próprio pontífice. Ao invés de evitar assuntos considerados tabus, os jovens preferem encará-los, assim como faz Francisco. Não é à toa que o dominical o apresenta como figura pública diferenciada no cenário religioso contemporâneo. Na última aparição na Praça de São Pedro antes de ir ao Rio, ao ver uma faixa erguida com os dizeres “Boa viagem” em italiano, saúda com afeto o público e pede que rezem por ele¹⁹. Em mais um gesto humilde, igual ao do discurso que proferiu após

¹⁴ *Fantástico*, 16 de junho de 2013.

¹⁵ *Fantástico*, 14 de julho de 2013.

¹⁶ *Fantástico*, 21 de julho de 2013.

¹⁷ *Fantástico*, 21 de julho de 2013.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*.

sua eleição no conclave, não se achou melhor do que nenhum daqueles que estavam ali. Por isso, também precisava de orações em seu nome: “Peço que rezem, que me acompanhem espiritualmente na viagem que farei amanhã”. Gestos compatíveis com o estilo franciscano, mantido desde que assumiu o comando da igreja. “Com a cruz de metal, os sapatos velhos e pretos e a batina sem a mantilha vermelha”, diz uma repórter, seus “gestos humildes vêm sendo interpretados como anúncio de mudanças profundas”. O texto lembra que o pontífice rejeitou os 300m² do apartamento papal, o anel de ouro e o carro de luxo. Francisco criou uma comissão de cardeais para a reforma da Cúria Romana, montou uma comissão para fiscalizar o Banco do Vaticano e mudou o código penal interno, tornando as punições para pedofilia mais rígidas.

Frente aos inúmeros problemas enfrentados pela Igreja Católica já citados, o jesuíta parecia emergir como a solução ideal. Gomes (2004) diz que a política da imagem lida justamente com esse ideal, um conjunto de propriedades esperadas pelo público em determinado sujeito para que ele cumpra sua função. O papa é detentor de um perfil idealizado para uma nova Igreja. Seus atributos parecem tão transformadores, que chegam a ser considerados mágicos na forma do carisma. São os “dons do corpo e do espírito”, como defendeu Max Weber (1979).

A construção dessa imagem pública é feita na “política estetizada”, como diz Maria Helena Weber (2004), em que a mídia tem grande poder com a veiculação de opiniões, atos e imagens do sujeito. No material analisado, o discurso é 100% positivo. Em nenhum momento, por exemplo, o *Fantástico* citou o envolvimento de Francisco com a ditadura militar argentina, o que foi levantado em outros espaços logo após sua eleição.

Essa imagem se tornou mais positiva após a Jornada Mundial da Juventude. Em um discurso na Comunidade de Varginha, o jesuíta disse que “o povo brasileiro, sobretudo as pessoas mais simples, pode dar para o mundo uma grande lição de solidariedade”²⁰. Com veste simples, elogiou a população e, o mais importante, conseguiu passar novamente sua mensagem de amor pelo próximo. Ele é retratado como uma personificação da solidariedade, na construção de uma celebridade que agrega valores de um projeto coletivo. Enquanto autores como Rojek (2008) apontam a associação entre o individualismo e a construção dos famosos, percebemos aqui uma valorização do bem comum.

Mas suas qualidades “mágicas”, que conformam seu carisma, vão além da solidariedade. Ela é apenas uma das inúmeras virtudes do sumo pontífice. Os jornalistas foram atrás dos “anjos da guarda”²¹ de Francisco no Brasil, quatro agentes da Polícia Federal encarregados de sua segurança pessoal, para deixar isso mais claro. As imagens dele no papamóvel em uma rua da capital carioca mostram acenos e cumprimentos em meio a uma multidão que corria pela chance de conseguir ver seu rosto. Eram as “sombras do papa” versus o “excesso de amor”. O amor incondicional por qualquer ser humano explica as quebras de protocolo, tão comuns nesse pontificado e que o tornam singular, como a “mania do vidro aberto” e sua relação com as crianças. Em um de seus cortejos, Francisco pediu que o veículo parasse para falar com um menino em uma cadeira de rodas. “Nem tenho palavras para expressar isso”, depôs Warlem Ferreira, de 14 anos. Sua mãe conseguiu adjetivar a ação: “ele é muito humilde, é como a gente”.

²⁰ *Fantástico*, 28 de julho de 2013.

²¹ *Idem*.

Com descrição e narração tão contundentes, passa-se a ideia de que esse papa é realmente “demais”, como o apresentador do *Fantástico*, Tadeu Schmidt, afirmou. Somos apresentados a um pontífice sem medo do povo, ávido por contato humano e por fornecer esperança a um mundo desorganizado. É caridoso e quer ajudar o máximo de pessoas que apareceram em seu caminho. Neste caso, apenas um abraço, um beijo, um toque ou uma palavra são suficientes como auxílio. Como expressa a mãe no depoimento citado acima, o papa é gente como a gente, fazendo desse ser tão mágico e distante humanizado.

O papa-acontecimento se inscreve em um cenário em que enxergamos um povo desesperadamente necessitado daquela figura para renovar sua fé e, por isso, corre literalmente atrás dela. O Santo Padre consegue angariar crianças e jovens para o catolicismo com sua mente contemporânea e trazer trabalhadores para a instituição em um momento em que o número de padres apresenta segundas quedas pelo mundo. O encontro mundial dos jovens serviu para caracterizar o papa que se descortinava ao mundo. A humildade aparece como ponto central deste homem, que criticou o uso do Evangelho para a defesa de uma ideologia específica e pediu que os missionários fossem às periferias. Disse a eles que sejam homens amantes da pobreza e que descartem a psicologia dos príncipes e da ambição. Apesar da lição difícil, que toca no calcanhar de Aquiles de muitos membros da instituição, ganhou aplausos e deixou sorrindo os companheiros²². Falando por uma igreja há décadas criticada pela estagnação no tempo, fez uma solicitação inusitada aos jovens: “Sejam revolucionários!”

Mas de nada adiantaria o discurso revolucionário se Francisco não o vivesse plenamente. A sua performance é muito importante para mostrar que realmente é a favor de mudanças. Ao optar por uma roupa simples, rejeitar ornamentos e joias caras, dispensar o carro de luxo e primar pelo contato direto com as pessoas, o papa mostra que a transformação já começou e partiu dele. Seu sorriso, os acenos, os abraços afetuosos, o semblante sereno e diversos outros aspectos de seus atos ajudam a conformar uma aura mágica, atribuída ao carisma. Os fieis seguem as orientações do Santo Padre porque este também o faz. A forma enérgica com que conclama os jovens para a revolução faz com que saiam do lugar de conforto e reflitam. Afinal, aquela revolução da qual fala é social e, obviamente, inclui o catolicismo.

Depois de tantas reportagens, o *Fantástico* foi além. Bergoglio aceitou conversar com o repórter Gerson Camarotti no Brasil, onde finalmente se posicionou diretamente sobre assuntos importantes dentro de sua religião²³. Como apontamos no início desta análise, o papa é apontado como um acontecimento e surge como um divisor de águas. Ele ilumina e reconstrói um passado ao mesmo tempo em que cria um novo campo de possíveis.

Foi isso que vimos durante os 30 minutos de entrevista exclusiva, na qual o sumo pontífice não é mais intocável, mas questionado e confrontado em relação aos problemas. O bate-papo começou descontraído. Sobre a rivalidade do Brasil com seu país natal, disse que o problema já foi resolvido: “O papa é argentino, e Deus é brasileiro”, riu. Em seguida, o ar sereno, calmo e sério ganhou força para falar sobre suas escolhas tão comentadas pela mídia. Sobre não ter um carro de luxo, afirmou que os sacerdotes devem

²² *Fantástico*, 28 de julho de 2013.

²³ *Fantástico*, 28 de julho de 2013.

“dar o testemunho de certa simplicidade” e que nenhum membro do clero deve ter um automóvel de última linha.

As quebras de protocolo durante a Jornada não poderiam deixar de ser mencionadas: “Eu não tenho medo. Sou inconsciente. Sei que ninguém morre de véspera”, explicou. Por isso, pediu que os vidros fossem retirados do papamóvel: “Se você vai visitar alguém que ama, vai fazer essa visita numa caixa de vidro? Não. Não poderia ver esse povo com grande coração assim. Ou tudo ou nada. Ou fazemos a viagem com comunicação humana ou não fazemos. Comunicação pela metade não faz bem”. Ele ainda agradeceu às seguranças do Vaticano e do Brasil, mas se disse indisciplinado nesse aspecto. “Vim visitar gente e quero tratá-la como gente. Tocá-la”, apontou. Ao contrário de seu antecessor, queria estar na linha de frente dessa comunicação, sendo o exemplo vivo da transformação da igreja. Podemos perceber, aqui, um dos aspectos da dimensão acontecimental do papa, que vem para conformar um passado e um novo futuro, abrindo um possível otimista para os católicos.

O papa é célebre paradoxalmente, já que o famoso é resultado de uma sociedade sem Deus, se adotarmos a perspectiva de Rojek (2008). Nesse sentido, ele pode ser visto como um recurso para obter consolo ou sabedoria e felicidade. E consegue chegar a tal patamar na condição de um defensor ferrenho de Deus e de uma lição que foge ao individualismo da contemporaneidade. Rojek diz que, assim como os cristãos procuravam o conforto e a inspiração em Jesus, os indivíduos da atualidade colocam essa responsabilidade nas celebridades. Francisco emerge como um desses lugares de conforto e inspiração ocupados por diferentes celebridades na contemporaneidade.

PARA CONCLUIR: OS PODERES DO NOVO PAPA

A breve análise das matérias do *Fantástico* mostra como elas posicionam o papa no imaginário social. O conceito de carisma de Max Weber, bem como a leitura que Geertz faz acerca dele, ajuda a ler a figura de Francisco, que se apresenta como alguém dotado de qualidades mágicas, detentor de uma personalidade capaz de mudar os rumos da igreja. A afeição por ele está justamente nos pontos tocados por Weber (1979): é um homem intelectual, capaz de dialogar com teóricos e até mesmo com outras religiões, que usa sua boa oratória, de fala simples, para captar a atenção de todos, especialmente dos mais necessitados, construindo a *devoção afetiva* dos seguidores em relação a ele. O seu discurso também é de extrema importância e traz revelações que o deixam mais próximo do público, como quando assume ter roubado o crucifixo de seu falecido confessor.

Por outro lado, a aproximação do argentino com o centro das coisas, como defende Geertz (1997), é também essencial para sua alta popularidade. Ele está nas mais diversas discussões em voga no mundo, além de optar pelo contato com grupos relegados pela igreja, como homossexuais, divorciados e pobres. Para que esse carisma seja reconhecido, é necessário o ato performático, único por emergir em determinado momento e local. O Bispo de Roma assume uma identidade dependente dos significados, interesses e influências da situação social atual, conforme discutido por

Silverstone (2002). O público assimila a posição do pontífice, participando também desse jogo de representações sociais.

A partir da análise, pudemos apontar a força da imagem pública de Francisco no cenário contemporâneo – o que ajuda a compreender a sua dimensão acontecimental. Para concluir, gostaríamos de destacar os dois eixos configuradores de uma celebridade acontecimento, tal como discutido por Simões (2012): seu poder de afetação e seu poder hermenêutico.

De que maneira Francisco afetou e afeta os sujeitos? A análise mostra que ele encarna valores compartilhados socialmente: é bom, humilde, simples e solidário. São valores agregados à sua imagem pública e destacados pelos discursos analisados na construção de sua performance. Além disso, sensibiliza profundamente os fiéis e até mesmo os não católicos com seus discursos inflamados por mudanças e com atos inesperados de um chefe da igreja. Trouxe euforia, esperança e confiança renovada em Deus ao provar que vive suas próprias pregações. Elas valem para sua plateia porque valem para o pontífice, que se considera na mesma posição de qualquer indivíduo social. Anunciado como promessa de profunda metamorfose, por ser latino-americano e jesuíta, se afirmou como novidade em todos os aspectos – um campo de possíveis aberto pelo acontecimento, trazendo novos ares ao catolicismo. Assim, Francisco se revela ao mesmo tempo célebre e humano, agregando valores que tocam os sujeitos – o que exhibe o seu *poder de afetação*.

E como podemos compreender o seu *poder hermenêutico*? Ou seja, o que esse papa acontecimento – a partir de sua performance e sua imagem pública – revela do contexto social contemporâneo? A eleição de Francisco e suas posteriores reverberações pelo mundo descortinaram a fragilidade da igreja e a necessidade urgente de mudança, como mostram as denúncias de casos de corrupção e pedofilia que marcam a igreja católica. De uma instituição mergulhada no passado e resistente ao moderno, emergem indícios de renovações no catolicismo (a partir de ações como uma maior fiscalização do Banco do Vaticano no intuito de investigar casos de corrupção e uma rigidez maior na apuração e na punição de casos de pedofilia). Ainda que posicionamentos conservadores permaneçam (como a condenação do aborto), podemos perceber uma abertura maior de Francisco a sujeitos e grupos antes relegados pela Igreja.²⁴

É nesse sentido que podemos compreender Francisco *como* um acontecimento: um divisor de águas que aponta algumas mudanças na Igreja, enredada em problemas que devem ser contornados. No contexto em que assumiu esse lugar de papa, Francisco emergia como a personificação de um olhar diferente, esperançoso e otimista em um cenário religioso conturbado. É preciso continuar atentando para o espaço que ele ocupa no cenário social e religioso contemporâneo, a fim de apreender outras nuances de sua dimensão acontecimental.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, Maria Cristina. Os gestos dos papas na cultura midiática. In: 9º Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero, 2014.

²⁴ Ainda que não faça parte do material analisado para o presente artigo, é importante lembrar que o Papa Francisco recebeu um transexual em audiência no Vaticano, em janeiro de 2015. O cidadão espanhol Diego Neria Lejarraga assumiu a identidade de gênero masculina após uma cirurgia de mudança de sexo e fora expulso de sua paróquia em função disso. O encontro do papa com Diego aponta para essa abertura maior da Igreja aos homossexuais e transexuais que destacamos acima.

COELHO, M. Claudia. A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa. São Paulo: FGV, 1999.

FRANÇA, Vera R. V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera R. V. (org.); OLIVEIRA, Luciana de (org.). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.39-51;

GEERTZ, Clifford. Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. In: _____. O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 182-219.

GOFFMAN, Ervin. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, Wilson. A Política de Imagem. In: _____. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus. 2004. p. 239-290.

LANA, Lígia; SIMÕES, Paula Guimarães. Duas vinculações possíveis entre personagens públicos e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (org.). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 213-231.

QUERÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera R. V.; OLIVEIRA, Luciana de (orgs). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.21-38.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. Trajectos - revista de comunicação, cultura e educação. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. n. 6, Primavera de 2005.

ROJEK, Chris. Celebridade. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Gilvan Ventura. “A realeza sagrada”. In: _____. Reis, santos e feiticeiros. Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia 337-361. Vitória: CCHN Publicações, 2003. p. 99-159.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WEBER, Maria Helena. Imagem Pública. In: RUBIM, Antonio A. Canelas (org.). Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens. Salvador: Editora UNESP/EDUFBA, 2004. p. 159-307.